



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos

Projeto do Curso e Ementário

Rio de Janeiro, RJ
INES-DESU
1ª versão 2018

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
José Mendonça Bezerra Filho

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO- SECADI
Ivana de Siqueira

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti

DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
Tanya Amara Felipe

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Luiz Alexandre da Silva Rosado

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES
Rio de Janeiro – Brasil

REVISÃO 2018

Comissão da Pós-graduação Lato sensu

Wilma Favorito
José Renato Baptista
Ana Regina Campello
Karine Rocha
André Ferreira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS	11
2. O CURSO “INTERCULTURALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS”	13
OBJETIVOS DO CURSO	13
PÚBLICO-ALVO	13
PERFIL DO EGRESSO	13
MODALIDADE.....	14
DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA.....	14
NÚMERO DE VAGAS	14
FORMAS DE INGRESSO.....	15
CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO	15
3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES.....	16
4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO.....	17
4.1 DISCIPLINAS OFERECIDAS POR SEMESTRE.....	18
4.2 CALENDÁRIO DO CURSO POR SEMESTRE.....	18
5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA	23
1. INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	23
2. CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	25

3. DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	27
4. TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER.....	29
5. INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE.....	31
6. A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL.....	33
7. DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	35
8. METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO.....	37
9. ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-ACADÊMICO PARA SURDOS	39
10. SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO	41
11. SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO.....	42
12. SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	43

1. INTRODUÇÃO

O presente curso pretende formar profissionais com uma reflexão além das atuais propostas para a educação de surdos no Brasil. Assim, acreditamos ser pertinente responder a seguinte questão: *De que modo pensamos as propostas atuais?* Pensamos que as mesmas ainda estão distantes das demandas dos surdos, haja vista o precário avanço na formação de surdos em nosso país. Alguns ainda devem acreditar que isso se deve tão-somente ao percurso histórico da educação – em nosso país e em outros – que, embasados numa perspectiva normatizadora e hegemonicamente pautada numa ideia cristalizada que, a partir de uma condição ouvintista, deseja ofertar ao alunado surdo a possibilidade de um convívio na sociedade dentro de um ideal de igualdade. Pensamos que muitos professores de surdos habilitados tinham e ainda tem essa intenção. Ao mesmo tempo, talvez, sintam certa frustração ao perceber que, passadas tantas décadas após a promulgação de leis, decretos, declarações e outros dispositivos jurídicos¹, tal ideal foi parcamente alcançado. Ainda hoje contamos com um pequeno número de surdos bilíngues, com formação acadêmica que lhe permita seguir dentro das universidades e demais espaços escolares para além unicamente das aulas de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Por mais que essa seja uma importante conquista, ela representa muito pouco dentro do que ainda temos para alcançar em termos de equidade. Entretanto, esse contexto excludente não é algo que somente esse grupo social – as comunidades de surdos – experimenta. Não se trata de uma exclusividade ou, porque não dizer, uma *excluinidade* apenas direcionada aos surdos, atinge também outros grupos sociais minoritários como as etnias indígenas, os afrodescendentes, as mulheres, dentre outros.

A partir daí, surgem novas questões. Algumas delas são as que induziram a formulação desse curso que, em linhas gerais, pretende colocar em questão a importância do protagonismo dos surdos, sua forma de convivencialidade e expressão pela via que lhe é amplamente possível – a experiência da visualidade em sua plenitude – como um modo peculiar de estar no mundo. Assim, ao resgatar o cotidiano e os novos discursos e palavras de ordem, agora também produzidos pelas mãos de pesquisadores surdos, cremos na ressignificação daquilo que se imaginava – pelos ouvintes – ser “um mundo silencioso” no qual se negava as possibilidades de um *ethos* próprio, um mundo próprio no sentido atribuído por Jakob von Uexküll (1982), onde não há possibilidade de se falar de um lugar sem estar em conexão com outros lugares. Falar dos surdos, da *surdidade* e suas formas de estar no mundo, representa falar da relação de disputa e poder presentes na visão ouvintista.

Por meio dos atravessamentos entre as redes de socialidade formada por surdos nas associações, federações e outros contextos e espaços sociais, percebe-se a relevância do resgate de uma memória *surdista*, no Brasil vinculada principalmente à FENEIS (Federação

¹ Tais como Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005, Lei nº 12.319/2010, Lei nº 10.098/2000, Lei nº 10.048/2000, Decreto nº 5.296/2004 e a “Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais” (UNESCO, 1994).

Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e ao INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Assim, a partir desse curso pretendemos formar profissionais que além de se ater criticamente ao “retrato” da educação de surdos ancorado em práticas ouvintistas, nas quais pouco ou nenhum espaço foi fornecido aos próprios surdos, também possam perceber as diferenças dentro das diferenças e implementar práticas pedagógicas que rompam – em definitivo – com discursos e palavras de ordem que não mais representam os anseios desse grupo social e que se mostram ineficazes em termos educacionais.

Dentre os autores que têm na língua um dos focos de seus trabalhos, Pierre Bourdieu apontou profunda e sistematicamente as relações entre a língua e as condições sociais de sua utilização nas situações de interação social. Para ele, a “fala” – ou sinal, nesse caso – é representante das condições de existência de um grupo, um elemento complexo que revela categorias estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e possibilita a transmissão das representações de determinados grupos, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Por isso, “nunca aprendemos a linguagem sem aprender ao mesmo tempo as condições de aceitabilidade dessa linguagem” (BOURDIEU, 1983, p. 77). Em outro texto, discutido com Jean Claude Passeron, ele completa essa ideia afirmando que:

O valor social dos diferentes códigos lingüísticos disponíveis numa sociedade dada e num momento dado (isto é, sua rentabilidade econômica e simbólica), depende sempre da distância que os separa da norma lingüística que a Escola consegue impor na definição dos critérios socialmente reconhecidos de “correção” lingüística. (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 128)

Desse modo, a sociedade moderna ordena e produz diferentes espaços de socialidade, forçando muitas das vezes a uma produção racional e funcional, nem sempre compatível com os anseios de seus membros. Daí a criação de novas subjetivações, por parte daqueles capazes ainda de burlar essa força molar, criando novos territórios, forças moleculares que produzem um espaço complexo quanto a diferentes formas de territorialização. O espaço social, assim, longe de ser ordenado e homogêneo, como apreendido racionalmente, apresenta-se orgânico, mutável, instável e fragmentado em diferentes condições de interações humanas, produtos da dialética entre ordens e desvios produzidos pela/na sociedade.

Os Surdos oralizados e não oralizados geralmente apresentam diferentes raízes de concepção de mundo. Enquanto estes últimos estão mais próximos de uma “massificação” da cultura surda, que tem na língua de sinais a sua manifestação maior de cultura; os oralizados se aproximam mais das manifestações da cultura ouvinte, onde privilegia-se a habilidade da fala e eficácia em leitura labial. Por isso, nota-se que as características pedagógico-educacionais exigidas por ambos os grupos são diferenciadas. (MELLO, s/d)²

Assim, as sociedades contemporâneas têm produzido condições não-equitativas, fundadas

² Disponível em: <<http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/surdos-oralizados-e-nao-oralizados-uma-visao-critica/>>. Acesso em: 10/10/2018.

em diferenças de identidades, de gênero, cor, religião, orientação sexual. A construção de uma sociedade democrática deveria supor o reconhecimento das diferenças entre os sujeitos – em situações coletivas e/ou individuais – a fim de que as desigualdades pudessem ser combatidas por políticas específicas que visassem solucionar a perversa equação entre diferença e ausência de equidade. Por isso mesmo, seria preciso que políticas sociais fossem ancoradas nas experiências e necessidades de diferentes grupos sociais, permanentemente contextualizadas e em consonância com as expectativas dos mesmos.

Michel Foucault afirma que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, assim como não é fácil dizer alguma coisa nova sobre qualquer objeto, pois o *zeitgeist* necessariamente se impõe. Um objeto não preexiste a si mesmo, mas só existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações de poder. Estas são estabelecidas entre: instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização, etc. Tais relações não estão presentes no objeto mesmo, não são elas que definem sua constituição interna, mas serão elas que permitirão ao objeto aparecer e ser colocado em um campo de exterioridade. São estas relações que caracterizam o próprio discurso enquanto prática (FOUCAULT, 1995).

Nesse discurso, estão presentes processos de subjetivação que têm na língua, ou melhor, na emissão de palavras de ordem, um modo de produzir novas existências que, embora visem a docilização de corpos, por vezes podem gerar novas linhas de fuga, novos agenciamentos. Quem sabe escapar do instituído e fazer desse acontecimento uma potência de vida e criação.

Bourdieu, ao focalizar as condições sociais concretas de instauração da comunicação, consideradas por ele como essenciais e mesmo determinantes do uso de um sistema linguístico pelas pessoas, ressalta que a língua – por ele considerada como “capital cultural” – mantém, no interior do grupo, uma relação de *força simbólica* determinada pela estrutura do grupo social em que ocorre esta comunicação, ou melhor, pelas relações que existem entre seus membros (BOURDIEU, 1989).

Dessa forma, as relações de comunicação linguística, por se caracterizarem por essa *força simbólica*, apontam para os possíveis motivos que conduzem alguns falantes ao exercício de poder, maior ou menor, sobre os outros, na interação verbal e, portanto, social. Deriva daí, o fato de que determinados produtos linguísticos recebem mais valor que outros. Assim, “[a] unidade de uma língua é, antes de tudo, política. Não existe língua-mãe, e sim tomada de poder por uma língua dominante, que ora avança sobre uma grande frente, ora se abate simultaneamente por centros diversos” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 46).

Por isso, entendermos como vital o debate sobre a legitimação da(s) língua(s) de sina(is), uma vez que, como aponta Bourdieu, as sociedades humanas são compostas por “condições econômicas e sociais de aquisição da competência legítima e da constituição do mercado onde se estabelece e se impõe esta definição do legítimo e do ilegítimo” (1994, p. 30). A língua, qual seja, é um instrumento com condições de barganha social. Tem poder de hierarquizar relações sociais.

A estrutura da relação de produção lingüística depende da relação simbólica entre dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital propriamente lingüístico): a competência é também, portanto a capacidade de se fazer escutar. A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados... os que falam consideram os que escutam dignos de escutar e os que escutam consideram os que falam dignos de falar. (BOURDIEU, 1994, p.160-161).

Nesse ponto – a língua como instrumento de poder nas relações sociais – podemos observar a aproximação de Bourdieu e Raffestin³. Em ambos a língua é uma ferramenta, um instrumento não só de trocas, mas de marcação de territórios. Em meio ao confronto entre os surdos e ouvintes, a língua sempre foi objeto de disputa. De um lado, os ouvintes – aqui me atrevo a falar de um modo a inclusão social dos surdos. E isso, de certo modo, é um discurso ainda “comprado” por muitos surdos oralizados. Em contrapartida, os surdos sinalizadores entendiam tal submissão como uma forma de negação da surdez e, conseqüentemente, de si próprios. Entretanto, vale ressaltar que, como qualquer bem cultural e econômico, entre os surdos – oralizados ou sinalizadores – a língua (ou as línguas) também são parte da permuta. Existem várias querelas nesse território lingüístico e a oficialização da LIBRAS está muito longe de minimizar esse fenômeno em meio às “comunidades de surdos”. Se é que se pode falar que essa disputa seja algo a se superar quando se trata da comunicação humana.

Diante dessas considerações, alguns questionamentos emergem: Como e sob que aspectos e práticas cotidianas vem sendo ancorada a ideia de cultura e identidade surdas, propagada atualmente pelas organizações não- governamentais e movimentos sociais de pessoas surdas? Para além da questão lingüística que se coloca, que outros aspectos aparecem como critérios de pertencimento à “comunidade de surdos”? Como as lutas discursivas que envolvem valores, estilos de vida e visões de mundo concorrentes vêm ganhando visibilidade e sendo reforçadas pelas lideranças desse movimento?

Sob que aspectos podemos pensar que há, no caso brasileiro, descontinuidades nesse movimento? Como o governo, através do INES, vem atendendo às demandas dos surdos por políticas educacionais que incluam, em definitivo, a LIBRAS como a primeira língua da criança e do jovem surdo? De que modo as transformações que se impõem podem fazer emergir novas ressignificações da surdez, não só para os surdos propriamente, mas também

³ Claude Raffestin é um autor que compreende que não podemos pensar território como algo que é anterior à constituição do espaço geográfico que, por sua vez, sempre engendra um caráter político, já que o território resulta da ação do ator social. Desse modo, o território é “(...) um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder (...)” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Desse modo, o autor ressalta que apesar de poder e território serem categorias distintas, estas mantêm entre si uma relação intrínseca no interior da qual pessoas ou grupos vão, por meio de suas práticas, “mapear” o espaço de produção social a partir de relações de força.

para os ouvintes? Considerando a heterogeneidade como implícita nas relações sociais, de que modo podemos pensar uma prática pedagógica que efetivamente incorpore a diversidade cultural presente na sala de aula? Estes são alguns dos questionamentos que impulsionam o presente curso.

Nesse processo, a interculturalidade se apresenta como uma possibilidade de compreendermos a complexidade do processo educativo em diferentes dispositivos sociais como a escola, o trabalho, a religião, as etnias indígenas, os quilombolas, dentre outros. Como se trata de um termo que pouco a pouco se torna mais usual, é necessário fazer uma breve explicação sobre esse conceito. O mesmo “é um dos paradigmas emergentes que tem possibilitado novas formas de relacionamento entre grupos socioculturais diferentes, abrindo perspectivas para outras concepções e práticas educacionais” (POZZER; CECCHETTI, 2014, p. 9).

Entretanto, não queremos aqui objetivar esse conceito, uma vez que corremos o risco de cair num dualismo que, na visão ocidental, distingue sujeito (aquele que conhece) do objeto (aquilo que se deseja conhecer). Tal forma de pensar se mostra perigosa e, de certo modo, antagônica com a visão que desejamos dar ao termo. Por intercultural não pretendemos pensar a existência de um mundo objetivado que podemos examinar à distância. Vamos preferir pensar a interculturalidade como uma teia, uma rede, um tecido formado por discursos e práticas que se imbricam e, por vezes, parecem antagônicas, distantes e que, ao final, mostram toda uma potência e complexidade que se harmonizam, dando sentido a novas formas de estarmos no mundo.

Mas essa harmonia tem seu preço. E um deles é o reconhecimento do processo de colonização vivido por todos e que para uma educação que reconheça o diverso, a heterogeneidade, se faz necessário nos descolarmos do discurso colonial. Homi Bhabha (2003) pontua como o discurso colonial está repleto de discriminação, de fixidez, de um olhar sobre a alteridade objetivada pela ideia de representação que fazemos do outro e que engendra e comporta também a desordem, o desvio, um “fora”, uma exterioridade. Assim, “o estereótipo, (...) é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (BHABHA, 2003, p. 105). São esses estereótipos que levam grupos sociais a serem marginalizados, estigmatizados. Essa postura pode ser vista na conceituação de estigma para Erving Goffman “como um conceito negativo ligado a todos os grupos que tendem ou não a ser vistos como desacreditados, não inteiramente humanos ou não elegíveis para fazer parte da sociedade. O estigma se vincula a qualquer pessoa que não se ajuste à sociedade” (GOFFMAN, 1988, p. 32).

No âmbito dos surdos, esse discurso colonial se apresenta na forma do ouvintismo. Harlan Lane (1992) sustenta como aos ouvintes interessa que os surdos se apropriem da “cultura ouvinte”, a fim de que não vivam em situação de isolamento, se integrando à

sociedade majoritária. Daí a necessidade de serem oralizados, por ser esse padrão reconhecido como normal na comunicação entre os humanos. A exceção vivida na ordem social.

Ao imaginar como é a surdez, eu imagino o meu mundo sem som – um pensamento aterrorizador e que se ajusta razoavelmente ao estereótipo que projetamos para os membros da comunidade dos surdos. Eu estaria isolado, desorientado, incomunicável e incapaz de receber comunicação. (LANE, 1992, p. 26)

Em contraposição a essa visão e a despeito da ambiguidade que a ideia de possuir uma cultura própria carrega, membros da liderança de movimentos sociais de surdos afirmam que só pela demarcação de suas “identidades surdas”, novas formas de existência podem eclodir com força e positividade.

Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença! [...] Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à “comunidade surda” é uma marcação para sustentar o tema em questão. (MIRANDA, 2001 *apud* STROBEL, 2008, p. 24)

Por essa via, pensamos ser os conceitos de cultura e identidade reificantes e reacionários – um debate já presente na antropologia contemporânea – na medida em que se pautam não na emergência de um novo, e sim em um padrão majoritário esperado, estando a própria ideia de padrão a serviço de uma relação de poder, em última instância, um padrão que não representa ninguém. Assim, o acontecimento, como diria Deleuze, pode promover a quebra nas linhas de regularidade do ser, possibilitando a dissolução das identidades fixas e as produções subjetivas que nos enquadram em determinadas formas de conduta – modos de ser – para que sejamos reconhecidos em nossas diferenças e variações (DELEUZE, 2000).

Ressaltamos aqui que muitos autores surdos têm unido a categoria de cultura à natureza, linguagem à identidade. Gládis Perlin sintetiza o termo “identidade surda” como “uma marca que identifica nós os surdos em crescente posição de termos próprios no interesse de gerar poder ‘para si e para os outros’” (PERLIN, 2001, p. 54). Segundo ela, é esta a diferença principal que cinde as identidades tanto Surda como Ouvinte.

Nidia Regina Limeira de Sá (2002) tenta explicar a relação cultura/identidade a partir da ideia de que a “cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (p. 354). Mais uma vez termos como subjetividade, cultura, identidade, comunidade dentre outros entram no jogo discursivo. Jogo este repleto de tensões geradas pelas disputas que os territórios de saberes – advindos da ciência ou do senso comum – tentam atribuir novos sentidos e significados. Desse modo, pensar uma pedagogia emancipatória e intercultural, pode nos fazer escapar a essa lógica tão aprisionante, reificante e fixa, dentro de um universo – a sala de aula, a escola – tão repleto de diversidade.

Assim, ao pensar os espaços educacionais das pessoas surdas como lugares onde ocorre um modo de estar no mundo que não escapa a uma condição *desviante* das pessoas ouvintes – definida binariamente como a condição de normalidade – este curso tenta pensar os sentidos e desejos imbricados nessa relação. Há assim uma relação entre a manifestação dos desejos das pessoas surdas e os espaços nos quais esses podem ocorrer. A territorialização dessas manifestações, suas restrições espaciais, está fundada na dinâmica da própria sociedade – expressão de civilidade e do regramento/regulação das espontaneidades – incapaz de abarcar toda a diversidade e fluidez das condições humanas a partir de rígidos enquadramentos ideais, linguísticos e territoriais.

A forma dialética de entender o fenômeno social apresenta uma ideia de como as condições sociais se encontram cristalizadas, naturalizadas, e para além das “normalidades” sociais impostas, temos a emergência de inúmeros modos de existência marginalizados, mas claramente visíveis na paisagem urbana.

Dessa forma, o Curso de Especialização **Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos** procura explorar diferentes aspectos culturais, identitários e subjetivos da educação de surdos através do protagonismo surdo, considerando os aspectos teóricos acima destacados. Para atingir esse objetivo, pensamos a interculturalidade e a descolonização como conceitos-chave que devem ser entendidos não só pelo ponto de vista das práticas educativas dirigidas aos alunos surdos, como também serem refletidos criticamente na formação de docentes e tradutores/intérpretes de LIBRAS- Português.

1.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS

BHABHA, H. K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, 2ª reimpressão, p. 105-128.

BOURDIEU, P. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. C. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1982, 2ª edição.

DELEUZE, G. **A lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, 4ª edição.

_____; GUATTARI, F. **Mil Platôs 2: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2005, 3ª reimpressão.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995, 11ª reimpressão.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988, 4ª edição.

LANE, H. **A Máscara da Benevolência: a “comunidade surda” amordaçada**. Lisboa: Instituto

Piaget, 1992.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001, 2ª edição.

POZZER, A.; CECCHETTI, E. Apresentação do livro. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação e interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais**. Blumenau: Editora da FURB, 2014, p. 9-17.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993. SÁ, N. R. L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: EDUA/INEP, 2002. STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a “cultura surda”**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

UEXHÜLL, J. V. **Dos animais e dos homens**. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1982.

2. O CURSO “INTERCULTURALIDADE E DESCOLONIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS”

OBJETIVOS DO CURSO

- Promover uma formação com um protagonismo de professores surdos com valorização da LIBRAS como L1;
- Ampliar a reflexão no campo da pedagogia que aponte para a relevância dos aspectos interculturais implicados na educação de Surdos;
- Repensar conceitos como cultura, identidade, língua e transversalidade curricular a partir de uma perspectiva Surda;
- Refletir conceitualmente sobre o aspecto colonizador que envolve a educação de surdos e repensar novas propostas a partir da interculturalidade;
- Resignificar a importância da preparação de tradutores/intérpretes de LIBRAS-Português, tomando por base o viés intercultural e suas implicações na prática desse profissional;
- Formar profissionais para atuar dentro dessa abordagem e
- Fomentar a divulgação científica através da pesquisa e produção de artigos.

PÚBLICO-ALVO

- Graduados em Pedagogia e áreas das Licenciaturas.
- Licenciados em diferentes outras áreas como Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Comunicação, Enfermagem e áreas afins.

PERFIL DO EGRESSO

Pretendemos que o profissional habilitado pelo Curso de Especialização **Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos** seja habilitado para atuar não só na educação de surdos, mas também em diferentes áreas que envolvam esse grupo social. Ensejamos que o mesmo seja capacitado a implementar ações de cunho afirmativo, atuando não só nas áreas de educação mas também naquelas que exijam a participação de profissionais devidamente capacitados. Assim, o mesmo poderá, dentre outras práticas, se envolver com as articulações inerentes ao processo de implementações de políticas públicas que contribuam com mais eficiência e qualidade para a equidade social e o efetivo respeito aos direitos humanos desse grupo.

MODALIDADE

O Curso é presencial e será realizado nas dependências físicas do DESU (Departamento de Ensino Superior)/INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), situado na Rua das Laranjeiras, 232, Bairro das Laranjeiras, Rio de Janeiro-RJ.

Somente as disciplinas “Seminário Avançado I”, “Seminário Avançado II” e “Supervisão do Artigo” serão semipresenciais, uma vez que os alunos estarão em processo de coleta/análise de dados e produção do artigo para a conclusão do curso. Entretanto, nesse período ocorrerão encontros presenciais através da realização de seminários e *workshops* para avaliação da produção acadêmica do aluno. Essas disciplinas também serão ofertadas na forma de videoconferência no caso de professores-orientadores externos.

O Curso será ofertado em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), não sendo necessária a presença de tradutores/intérpretes de LIBRAS-Português. Assim, daremos atenção especial à fluência em LIBRAS dos candidatos surdos e não-surdos.

No caso dos professores externos, estabeleceremos uma parceria institucional para o custeio das despesas com a estada do mesmo, bem como será possibilitada aulas no formato de vídeo-conferência. Acrescentamos ainda que esses professores externos foram escolhidos não-somente por conta dos objetivos do curso, mas também em função da adequação de seu perfil à disciplina que ministrarão.

Esclarecemos ainda que cada disciplina terá um professor responsável que, no caso da impossibilidade de participação do professor com o qual compartilha a disciplina, o mesmo estará apto a cobrir a aula de modo a não haver prejuízo no conteúdo programático. Vale acrescentar que nosso curso possui como característica o fato de cada disciplina ser de responsabilidade de dois ou três professores, a fim de assegurar a permanente discussão das temáticas propostas em cada ementa.

DURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA

O Curso tem duração de 400 horas, distribuídas em 18 meses. Os encontros serão realizados às segundas-feiras e quartas-feiras de 13h às 17h, nas dependências do DESU (Departamento de Ensino Superior)/INES.

NÚMERO DE VAGAS

Serão oferecidas 30 vagas, sendo 50% das vagas garantidas para candidatos surdos e outras 50% para candidatos não surdos, ambos fluentes em LIBRAS.

FORMAS DE INGRESSO

O processo seletivo para ingresso no Curso de Especialização **Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos** será composto de três etapas, a serem detalhadas quando da publicação do edital:

1. Análise do currículo;
2. Prova com duas questões formuladas em LIBRAS para serem respondidas também em LIBRAS, com o uso de câmera filmadora;
3. Entrevista em LIBRAS realizada por uma banca examinadora com professores – surdos e ouvintes – fluentes em LIBRAS;

CRITÉRIOS DE APROVAÇÃO

1. Assiduidade: O aluno deverá alcançar o mínimo de frequência igual a 75% (setenta e cinco por cento) das aulas previstas.
2. O aluno deverá alcançar média igual ou maior que 7,0 (sete) em cada disciplina.
3. Apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico. Este será avaliado por 2 (dois) pareceristas que atribuirão uma nota, cuja media final deverá ser igual ou maior que 7,0 (sete) para aprovação.

3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES

DOCENTE	TITULAÇÃO	CURRÍCULO LATTES
ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO	DOUTORA	Lattes
BRUNO FERREIRA ABRAHÃO	DOUTORANDO	Lattes
BRUNO RAMOS	MESTRE	Lattes
LYGIA PORTILHO NEVES	MESTRE	Lattes
MARIA IZABEL DOS S. GARCIA	DOUTORA	Lattes
PATRÍCIA LUIZA F. REZENDE	DOUTORA	Lattes
RAMON SANTOS DE A. LINHARES	MESTRE	Lattes
RICARDO BOARETTO DE SIQUEIRA	ESPECIALISTA	Lattes
ROBERTA SAVEDRA SCHIAFFINO	DOUTORA	Lattes
RODRIGO ROSSO MARQUES	DOUTOR	Lattes
RUAN SOUSA DINIZ	MESTRANDO	Lattes
SIMONE PEIXOTO GONÇALVES	MESTRE	Lattes
SHIRLEY VILHALVA	MESTRE	Lattes
VANESSA ALVES DE S. LESSER	MESTRE	Lattes
WAGNER CABRAL DOS SANTOS	MESTRANDO	Lattes
WESLEI DA SILVA ROCHA	MESTRANDO	Lattes

4. QUADRO DAS DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA DO CURSO

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	PROFESSORES
1. INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	40h	Maria Izabel Garcia Roberta Savedra
2. CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	40h	Simone Gonçalves Weslei Rocha
3. DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	30h	Lygia Neves Rodrigo Rosso
4. TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER	30h	Patrícia Rezende Ramon Linhares
5. INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	40h	Bruno Ramos Shirley Vilhalva
6. A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL	30h	Ruan Diniz
7. DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	30h	Bruno Abrahão Ricardo Boaretto
8. METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO	40h	Maria Izabel Garcia Ana Regina Campello
9. ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-ACADÊMICO PARA SURDOS	30h	Vanessa Lesser Wagner Cabral
10. SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO	30h	Todos os professores
11. SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO	30h	Todos os professores

12. SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	30h	Todos os professores
TOTAL DE CARGA HORÁRIA	400h	

4.1 DISCIPLINAS OFERECIDAS POR SEMESTRE

1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	3º SEMESTRE
INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-ACADÊMICO PARA SURDOS
CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO
TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP

4.2 CALENDÁRIO DO CURSO POR SEMESTRE

1º SEMESTRE		
Horário: 13h às 17h	SEGUNDA	QUARTA
1ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
2ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
3ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

4ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
5ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
6ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
7ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
8ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
9ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
10ª SEMANA	CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO	INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
11ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
12ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
13ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
14ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
15ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
16ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
17ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER

18ª SEMANA	DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER
2º SEMESTRE		
Horário: 13h às 17h	SEGUNDA	QUARTA
1ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
2ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
3ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
4ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
5ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
6ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
7ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
8ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL
9ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
10ª SEMANA	INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
11ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
12ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
13ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
14ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO

15ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
16ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
17ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
18ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO	METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO
3º SEMESTRE		
Horário: 13h às 17h	SEGUNDA	QUARTA
1ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
2ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
3ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
4ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
5ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
6ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
7ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO
8ª SEMANA	ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO- ACADÊMICO PARA SURDOS	SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO

9ª SEMANA	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO
10ª SEMANA	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO
11ª SEMANA	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO
12ª SEMANA	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO	SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO
13ª SEMANA	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP
14ª SEMANA	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP
15ª SEMANA	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP
16ª SEMANA	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP	SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP

5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA

1. INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Carga horária: 40h

Ementa: Introdução aos conceitos de estigma, território e interculturalidade. Relações entre linguagem, identidade e cultura em ambientes de educação intercultural. Sala de aula como espaço cultural e interacional. Cultura e relações interculturais no ensino e aprendizagem de línguas. Pluralismo cultural e linguístico. A interculturalidade aplicada à educação de surdos. Educação bilíngue para surdos.

Objetivos:

- Promover o debate conceitual e sua vinculação com a interculturalidade;
- Desenvolver a criticidade em relação aos aspectos implicados na relação professor-aluno quando dentro de um enfoque intercultural;
- Possibilitar a reflexão entre interculturalidade e bilinguismo na educação de surdos;
- Discutir a cristalização de conceitos como cultura, identidade dentro de uma ideia de pluralismo cultural contemporâneo.

Referências bibliográficas:

CAMPELLO, A. R. S.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Edição Especial, n. 2, p. 71-92, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/06.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

CECCHETTI, E. Cultura escolar e diversidade cultural: entre a negação e o reconhecimento das diferenças. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação e diversidade cultural: tensões, desafios e perspectivas**. Blumenau: Editora da FURB, 2014, p. 41-66.

GARCIA, M. I. S. **Movimento social dos surdos: interseções, atravessamentos e implicações**. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988, 4ª edição.

- MATTOS, L. C.; VIEIRA-MACHADO, L. M. C. Pensar as práticas pedagógicas bilíngues na educação de surdos na contemporaneidade. In: VIEIRA- MACHADO, L. M. C.; COSTA JÚNIOR, E. R. (org.) **Educação de surdos: políticas, práticas e outras abordagens**. Curitiba: Appris Editora, 2018, p. 19-36.
- MENDEZ, J. M. Territorios ocupados, territorios contestados: desafios interculturales de la educación. In: PIOVEZANA, L.; CECCHETTI, E. (org.) **Interculturalidade e Educação: saberes, práticas e desafios**. Blumenau: Editora da FURB, 2015, p. 63-74.
- PEDREIRA S. M. F. Educação de surdos na escola inclusiva e interculturalismo: uma aproximação necessária. **Revista Espaço**, n. 27, p. 20-29, 2007.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e conceitos de território**. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2013, 3ª edição.
- SKLIAR, C. Bilingüismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 8, p. 44- 57, mai.-jun.-jul.-ago./1998. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBD E08/RBDE08_06_CARLOS_SKLIAR.pdf>. Acesso em: 10/10/2018.
- SOUZA, J. A construção social da subcidadania. In: SOUZA, J. **A construção social da subcidadania: por uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 151-188.
- STUMPF, M. R. A Educação Bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, R.; STUMPF, M. R. (org.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009, p. 426-451.
- WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

2. CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA: NOVOS OLHARES A PARTIR DA DESCOLONIZAÇÃO

Carga horária: 40h

Ementa: Sociedades multiculturais e o processo de colonização. Conceitos de cultura, identidade e diferença. Novas formas de organização política, linguística e social das comunidades de surdos. Aspectos identitários e formação das Identidades Surdas. A diferença dentro da diferença: negros, índios, mulheres e LGBTs surdos.

Objetivos:

- Debater os conceitos de diferença, desigualdade e equidade através de um viés intercultural;
- Ressignificar os conceitos de cultura, identidade e diferença, a partir de uma visão descolonizadora;
- Desenvolver a criticidade em relação aos aspectos que constituem a formação da cultura e identidade surdas;
- Possibilitar uma reflexão sobre as demandas que emergem dos movimentos sociais de surdos.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, M. J. S. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes), Universidade do Estado do Amazonas, 2015.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329- 376, jan.-jun./2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CONNOLLY, W. E. **Identity/Difference: Democratic negotiations of political paradox**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

DERRIDA, J. A diferença. In: DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Campinas: Editora Papyrus, 1991.

FURTADO, R. S. S. **Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In:

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri, 2016a.

_____. Etnicidade: identidade e diferença. Tradução de Ana Carolina Cernicchiaro.

Crítica Cultural, v. 11, n. 2, p. 317-327, jul.-dez./2016b. Disponível em:

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/articloe/view/4338/pdf>. Acesso em: 10/10/2018.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

3. DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Carga horária: 30h

Ementa: Educação, direitos humanos e formação para a cidadania. Direitos humanos e suas implicações para o campo educacional. A perspectiva da educação intercultural. Currículo e interculturalidade. A escola como espaço de encontro intercultural. Estratégias pedagógicas e perspectiva intercultural. Protagonismo surdo na educação intercultural.

Objetivos:

- Incentivar o debate conceitual sobre os direitos humanos em educação;
- Introduzir as práticas escolares interculturais no âmbito da educação de surdos;
- Refletir sobre o currículo escolar, de acordo com uma proposta intercultural;
- Debater as possibilidades pedagógicas, a partir do protagonismo dos surdos.

Referências bibliográficas:

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45- 56, jan.-abr./2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

CAVALCANTE, P. F. Questões identitárias da pessoa surda e seus direitos. **Revista Espaço**, n. 48, p. 10-20, jul.-dez./2017. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/122/111>>. Acesso em: 10/10/2018.

DAYRELL, J. T. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. T. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 136-161.

FERNANDES, A. V. M.; PALUDETO, M. C. Educação e direitos humanos: desafios para a escola contemporânea. **Cadernos Cedes**, v. 30, n. 81, p. 233-249, mai.-ago./2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n81/a08v3081.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

FREIRE, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

HENGELBROCK, J. Direitos Humanos, Cultura e Educação. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade: diálogos críticos e reflexivos**. Blumenau: Editora da FURB, 2015, p. 37-54.

LOBO, L. F. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de

Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, T. T. (org.) **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, 4ª edição, p. 173-210.

SILVA, T. T. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999, p. 85-90.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**, jun./1996. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

VILHALVA, S.; FREITAS, S. Direito linguístico e as conquistas do aluno índio surdo na escola indígena em Dourados em Mato Grosso do Sul. **Revista Fórum**, n.28, n. 36, p. 24-35, jul.-dez./2013. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/278/287>>. Acesso em: 10/10/2018.

4. TRANSCULTURALIDADE EM ESTUDOS SURDOS: LÍNGUA E PODER

Carga horária: 40h

Ementa: Transculturalidade e interculturalidade. A formação dos Estudos Culturais. Introdução aos Estudos Surdos. Conceitos de língua, cultura e poder. Disputas territoriais na visão intercultural. Ouvintismo e surdismo.

Objetivos:

- Discutir as principais conexões entre os conceitos de transcultural e intercultural;
- Analisar a emergência dos Estudos Surdos, a partir dos Estudos Culturais;
- Ressignificar os conceitos de língua e poder, através do entendimento das disputas territoriais;
- Refletir sobre o embate entre ouvintismo e surdismo.

Referências bibliográficas:

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da USP, 2000, 3ª edição, p. 283-350.

CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Editora Mercado das Letras, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, 11ª reimpressão.

GARCIA, M. I. S. Corpos (in)dóceis ou o domínio dos ouvintes sobre os surdos. **Revista Unidad Sociológica**, ano II, n. 4, p. 74-82, jun.-set./2015. Disponível em: <<http://unidadesociologica.com.ar/UnidadSociologica4.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

PEREIRA, A. **A analítica do poder em Michel Foucault**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre diferenças**. Porto Alegre: Editora

Mediação, 2001, 2ª edição, p. 7-32.

TESKE, O. Surdos: um debate sobre letramento e minorias. In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. B.; FERNANDES, E. (org.) **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015, 2ª edição, p. 25-48.

WRIGLEY, O, **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

5. INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

Carga horária: 40h

Ementa: Introdução à educação intercultural. Escola como local de formação e a perspectiva da pesquisa-ação. Cultura escolar e diversidade cultural. A formação de docentes sob uma perspectiva intercultural. Construção de práticas educativas interculturais.

Objetivos:

- Promover o debate sobre a educação intercultural na perspectiva da educação de surdos;
- Analisar a formação em diversidade cultural nas escolas;
- Refletir a formação pedagógica tradicional frente à proposta intercultural;
- Provocar o exercício de práticas pedagógicas com foco na interculturalidade.

Referências bibliográficas:

BARBOZA, C. F. S.; SILVEIRA, L. C.; CAMPELLO, A. R. S.; CASTRO, H. C. A importância da aprendizagem de Libras para a formação de professores bilíngues dentro de uma perspectiva inclusiva. **Revista Espaço**, n. 43, p. 192- 218, jan.-jun./2015. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/11/24>>. Acesso em: 10/10/2018.

CAMPOS, M. L. I. L.; MENDES, E. G. Formação de professores para a educação inclusiva em cursos à distância: um estudo de campo documental. **Revista Cocar**, Edição Especial, n. 1, p. 209-227, jan.-jul./2015. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/625/513>>. Acesso em: 10/10/2018.

FERREIRA, P. L. A. **Professores negros surdos e o ensino das relações étnico-raciais na escola**. Dissertação (Mestrado em Ensino) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

GOMES, A.; OLIVEIRA, V. Práticas de leitura literária e hibridismo cultural em um contexto de jovens e adultos surdos. In: RIBEIRO, T.; SILVA, A. G. (org.) **Leitura na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015, p. 111-136.

MARQUEZ-FERNANDEZ, A. B. A práxis intercultural: uma experiência dialógica para a educação cidadã. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação e interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais**. Blumenau:

Editora da FURB, 2014, p. 41-68.

MWEWA, C. M.; EUGENIO, B. G.; NASCIMENTO, S. B. Formação cultural e diversidade etnicorracial: Brasil, um país de todos?. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação e diversidade cultural: tensões, desafios e perspectivas**. Blumenau: Editora da FURB, 2014, p. 223-236.

PEREIRA, B. G. N. Tornar-se presença: a igualdade e a potência como premissas para a educação. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; COSTA JÚNIOR, E. R. (org.) **Educação de surdos: políticas, práticas e outras abordagens**. Curitiba: Appris Editora, 2018, p. 37-48.

PEROZA, J.; SILVA, C. P.; AKKARI, A. Paulo Freire e a diversidade cultural: contribuição para uma educação transcultural. In: POZZER, A.; CECCHETTI, E. (org.) **Educação e diversidade cultural: tensões, desafios e perspectivas**. Blumenau: Editora da FURB, 2014, p. 123-146.

SILVA, V. O.; LOIVOS, K. C. Perspectivas interculturais e a construção do currículo para alunos surdos. **Revista Espaço**, n. 38, p. 30-38, jul.-dez./2012. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/191/179>>. Acesso em: 10/10/2018.

SILVEIRA, C. H. O currículo de língua de sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007, p. 150-189.

VIEIRA-MACHADO, L. M. C. Formação de professores: atitude e contraconduta. **Educação em foco**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 101-124, jul.-out./2014.

6. A FORMAÇÃO DOS TRADUTORES NUMA VISÃO INTERCULTURAL

Carga horária: 30h

Ementa: Regulamentação e formação da profissão de tradutor/intérprete de LIBRAS-Português. O papel do tradutor/intérprete na acessibilidade linguística dos surdos em diferentes setores sociais. Os novos desafios na formação atual de tradutores/intérpretes. Tradutores/intérpretes e a convivencialidade na comunidade de surdos. A formação do tradutor/intérprete dentro do enfoque intercultural: o espaço dos tradutores surdos.

Objetivos:

- Debater criticamente a formação do tradutor/intérprete de LIBRAS- Português;
- Discutir o distanciamento dos tradutores/intérpretes das comunidades de surdos em sua formação profissional;
- Pensar as novas funções desse profissional a partir das demandas atuais das pessoas surdas;
- Refletir sobre a profissão de tradutor/intérprete através do protagonismo surdo.

Referências bibliográficas:

ALBRES, N. A. A produção de pesquisa científica como um instrumento na formação crítico-reflexiva de intérpretes língua brasileira de sinais e língua portuguesa. **Educação em foco**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 125-146, jul.-out./2014.

CAMPELLO, A. R. S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, n. 33, p. 143-167, jan.-jun./2014a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p143/27499>>. Acesso em: 10/10/2018.

_____; MEDEIROS, P. J. A. Trabalho acadêmico sob uma perspectiva bilíngue: processo tradutório entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. **Revista Espaço**, n.41, jan.-jun./2014b. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/402/421>>. Acesso em: 10/10/2018.

DINIZ, R. S. Tradução e interpretação da língua portuguesa para LIBRAS dos programas adaptados da TV INES. **Revista Fórum**, n. 36, p. 113-128, jan.- jun./2017. Disponível em língua portuguesa escrita: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/381/410>>. Disponível em LIBRAS: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/381/462>>. Acesso em: 10/10/2018.

MACHADO, F. M. A. **Conceitos Abstratos: escolhas interpretativas de português para Libras**. Curitiba: Appris Editora, 2017, 2ª edição.

MARTINS, V. R. O. **Posição-mestre: desdobramentos foucaultianos sobre a relação**

de ensino do intérprete de língua de sinais educacional. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2013.

_____. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re)criações do sujeito.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2008.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

_____; STUMPF, M. R. Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa. **Cadernos de Tradução**, v. 16, n. 2, jul.-dez./2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p165/14228>>. Acesso em: 10/10/2018.

SANTANA, J. B. M. Tradução cultural e as performances literárias em língua de sinais. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; COSTA JÚNIOR, E. R. (org.) **Educação de surdos: políticas, práticas e outras abordagens.** Curitiba: Appris Editora, 2018, p. 195-214.

7. DIVERSIDADE CULTURAL: ARTES E DESCOLONIZAÇÃO

Carga horária: 40h

Ementa: Diversidade cultural e suas implicações no processo de produção de novos conhecimentos. Conceito de cultura visual/imagética. Cultura e constituição do *self*. Descolonizar para ressignificar a visão sacralizada dos surdos. Cultura: uma arena de disputas sociais. Literatura, poesia e práticas culturais dos surdos.

Objetivos:

- Pensar as implicações da diversidade cultural na construção de uma pedagogia intercultural;
- Analisar criticamente o conceito de cultura visual/imagética sob a ótica descolonizadora;
- Discutir a construção do sujeito surdo (*self*) a partir da visão intercultural;
- Refletir sobre as práticas culturais dos surdos na literatura, teatro e poesia.

Referências bibliográficas:

ABRAHÃO, B. F.; PEREIRA, D. C. M. O direito do surdo à literatura: por uma educação literária multimodal. **Linguagem em (Re)vista**, v. 10, n. 20, jul.- dez./2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/20/09.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

ALVES, C. C. Acessibilidade Cultural: a criação de outros modos de ver e não ver no espaço do Museu. **Revista Fórum**, n. 32, p. 39-50, jul.-dez./2015. Disponível em língua portuguesa escrita: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/43/50>>. Disponível em LIBRAS: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/43/267>>. Acesso em: 10/10/2018.

BHABHA, H. K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, 2ª reimpressão, p. 105-128.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992, 1ª reimpressão, p. 308-346.

DALL'ALBA, C.; STUMPF, M. R. Literatura Surda: contribuições linguísticas para alunos surdos, os sujeitos da experiência visual na área da educação. **Leia Escola**, v. 17, n. 1, p. 76-89, 2017. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/851/500>>. Acesso em: 10/10/2018.

LULKIN, S. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 33-49.

MARTINS, R. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. **Educação & linguagem**, Universidade Metodista de São Paulo, v. 13, n. 22, p. 19-31, 2010.

RAUGUST, M. B. As diferentes formas de constituição de subjetividades surdas: a arte e a experiência visual em questão. In: LEBEDEFF, T. B. (org.) **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 200-225.

SKLIAR, C. Uma ética de olhar para o encontro com o outro. **Revista Espaço**, n. 34, p.7-19, jul.-dez./2010. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/387/429>>. Acesso em: 10/10/2018.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

QUADROS, R. M.; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. (org.) **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 110-165.

8. METODOLOGIA DO TRABALHO ACADÊMICO

Carga horária: 30h

Ementa: Diferenças entre metodologia qualitativa e quantitativa. A pesquisa de campo como metodologia de pesquisa. Principais formas de coleta de dados. Tipos de técnicas usadas em pesquisa. Tipos de questionários e entrevistas. Introdução ao método etnográfico. Observação sistemática, pesquisa-ação e pesquisa participante. Estudos de caso e estudos comparativos. Uso de imagens e recursos audiovisuais. Análise dos dados obtidos. Construção de trabalhos acadêmicos de acordo com as normas ABNT.

Objetivos:

- Apresentar os fundamentos básicos da metodologia qualitativa e quantitativa;
- Discutir as diferentes formas de coleta de dados no trabalho de campo;
- Refletir sobre a complexidade das diferentes formas de análise na arte de pesquisar;
- Apontar as principais estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa em educação intercultural;
- Reconhecer a importância e a forma de construção de propagar os resultados de um trabalho acadêmico.

Referências bibliográficas:

ALVAREZ, D. Que trabalho é esse: o que é a “produção acadêmica”? In: ALVAREZ, D. **Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?**. Rio de Janeiro: Editora Myrrha, 2004, p. 125-188.

ALVAREZ, M. F. T. Tornar-se nativo/a resistência do liso. In: STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. (org.) **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012, p. 153-172.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. Os modos de investigação. In: BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977, 3ª edição, p. 221- 251.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2000, 4ª edição.

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999, 4ª edição.

- CAIAFA, J. A pesquisa etnográfica. In: CAIAFA, J. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, p. 135-181.
- FERREIRA, M. M. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. M. (coord.) **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1994, p. 1-14.
- GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. Confabulações da alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In: GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. (org.) **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2009, p. 15-35.
- PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus Editora, 2000, 6ª edição.
- SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (org.) **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia: Editora da UFU, 2012.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998, 2ª edição.
- VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (org.) **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 11-19.

9. ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-ACADÊMICO PARA SURDOS

Carga horária: 30h

Ementa: Introdução à pedagogia visual. Ferramentas para a produção de material multimídia. Experiências de acessibilidade com discentes surdos. Novos modelos e reformulações para a apresentação de trabalhos em LIBRAS. A interculturalidade e suas implicações no desenvolvimento acadêmico de surdos.

Objetivos:

- Debater o conceito de pedagogia visual e protagonismo surdo, relacionando com a educação intercultural;
- Conhecer as principais ferramentas utilizadas na produção de material didático-acadêmico para surdos;
- Apresentar algumas experiências inovadoras na educação de surdos;
- Discutir as barreiras institucionais para a apresentação de trabalhos em LIBRAS nas instituições de ensino superior.

Referências bibliográficas:

AMORIM, M. L. C. **Estilos de Interação Web de Navegação e Ajuda Contextual para Usuários Surdos em Plataformas de Gestão da Aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação), Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

BASSO, I. M. S. Mídia e educação de surdos: transformações reais ou uma nova utopia? **Ponto de Vista**, n. 5, p. 113-128, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1247>>. Acesso em: 10/10/2018.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

_____; SILVEIRA, L. C. Materiais didáticos em Libras como facilitadores do processo inclusivo. **Revista Espaço**, n. 43, p. 219-238, jan.- jun./2015. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/12/25>>. Acesso em: 10/10/2018.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, jan.-fev.-mar.-abr./2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 10/10/2018.

LUCHI, M. Cuidados metodológicos em pesquisas em línguas de sinais. In: **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**, n. 2, 2016 [artigo em Libras publicado em

vídeo, 19m19s]. Disponível em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/edicoes-antiores/edicao-0022016/>>. Acesso em: 10/10/2018.

RAMOS, C. Livro Didático Digital em Libras: Uma Proposta de Inclusão para Estudantes Surdos. Revista Virtual de Cultura Surda, Petrópolis, n. 11, jul./2013. Disponível em: <[http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1\)%20Ramos%20REVISTA%2011.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1)%20Ramos%20REVISTA%2011.pdf)>. Acesso em: 10/10/2018.

ROSADO, L. A. S.; SOUSA, A. M.; NEJM, V. C. B. A produção de vídeo no contexto da surdez: relato de uma experiência mídia-educativa na disciplina TICs do Curso Bilíngue de Pedagogia do INES. **Revista Espaço**, n. 48, p. 219- 238, jul.-dez./2017. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/406/425>>. Acesso em: 10/10/2018.

STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S. Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 2, n. 26, p. 165-205, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/14351/28013>>. Acesso em: 10/10/2018.

_____ ; MARTINS, F. C. Glossário em Libras: desafio contemporâneo na educação de surdos. In: LEBEDEFF, T. B. (org.) **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 182-199.

10. SEMINÁRIO AVANÇADO I: TEMÁTICAS E COLETA DE DADOS PARA PRODUÇÃO DO ARTIGO

Carga horária: 30h

Ementa: Escolha do tema pelos alunos. Encaminhamento para o professor- orientador. Revisão bibliográfica. Viés metodológico a ser seguido: quantitativo, qualitativo ou misto. Desenvolvimento de cronograma. Acompanhamento de orientação. Apresentação de seminários, previamente agendados, para alunos da graduação.

Objetivos:

- Discutir as etapas da elaboração do artigo por cada aluno;
- Desenvolver as possíveis temáticas dos artigos;
- Iniciar a coleta de dados para a produção do artigo;
- Encaminhar prévias da coleta de dados para revistas científicas e apresentação em eventos acadêmicos;
- Promover a troca de experiências entre alunos da pós-graduação e graduação, através de seminários e workshops.

Observação: Não há bibliografia para esta disciplina, uma vez que o(a) aluno desenvolverá seu trabalho de conclusão do curso (formato artigo) e será orientado(a) por um(a) docente.

11. SEMINÁRIO AVANÇADO II: ANÁLISE DE COLETA DE DADOS E ACOMPANHAMENTO DA ESCRITA DO ARTIGO

Carga horária: 30h

Ementa: Apresentação da coleta de dados e o tipo de análise a ser desenvolvido. Acompanhamento de orientação. Apresentação de seminários, previamente agendados, para alunos da graduação.

Objetivos:

- Iniciar a análise dos dados coletados para a produção do artigo;
- Dar seguimento ao cronograma e iniciar a escrita do artigo;
- Encaminhar prévias da análise de dados para revistas científicas e apresentação em eventos acadêmicos;
- Promover a troca de experiências entre alunos da pós-graduação e graduação, através de seminários e workshops.

Observação: Não há bibliografia para esta disciplina, uma vez que o(a) aluno desenvolverá seu trabalho de conclusão do curso (formato artigo) e será orientado(a) por um(a) docente.

12. SUPERVISÃO DO ARTIGO PARA CONCLUSÃO DO CURSO E APRESENTAÇÃO DE WORKSHOP

Carga horária: 30h

Ementa: Supervisão no desenvolvimento do artigo. Orientações para a composição do trabalho acadêmico, em seus diferentes aspectos: formatação, normalização (ABNT), estrutura, metodologia da pesquisa, coesão textual e fundamentação acadêmico-científica. Finalização do trabalho e dos textos. Apresentação de workshops, previamente agendados, para alunos da graduação.

Objetivos:

- Finalizar a escrita do artigo;
- Entregar o artigo finalizado ao orientador para avaliação de pares às cegas;
- Promover a troca de experiências entre alunos da pós-graduação e graduação, através de seminários e workshops.

Observação: Não há bibliografia para esta disciplina, uma vez que o(a) aluno desenvolverá seu trabalho de conclusão do curso (formato artigo) e será orientado(a) por um(a) docente.